CENTRO EDUCACIONAL DE ENSINO SUPERIOR DE PATOS

FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS CAMPINA GRANDE

CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

STHEPHANY HORTÊNCIA DE ALMEIDA GOUVEIA

“A INFÂNCIA É UM CHÃO QUE PISAMOS A VIDA INTEIRA”- UM OLHAR SOBRE OS VÍNCULOS DE APEGO E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

CAMPINA GRANDE – PB

2025

STHEPHANY HORTÊNCIA DE ALMIDA GOUVEIA

“A INFÂNCIA É UM CHÃO QUE PISAMOS A VIDA INTEIRA”- UM OLHAR SOBRE OS VÍNCULOS DE APEGO E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia pelas Faculdades Integrada de Patos – FIP - CG.

Orientador (a): Dra. Juliana Fonsêca de Almeida Gama

CAMPINA GRANDE – PB

2025

STHEPHANY HORTÊNCIA DE ALMEIDA GOUVEIA

"A INFÂNCIA É UM CHÃO QUE PISAMOS A VIDA INTEIRA"- UM OLHAR SOBRE OS VÍNCULOS DE APEGO E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFIP CG.

Orientador(a): Dra. Juliana Fonsêca de Almeida Gama

Conceito: APROVADA Data: 09/06/2025

Juliana Fonsêca de Almeida Gama
Dra. Juliana Fonsêca de Almeida Gama

Elizama L. de M. Lima
Me. Elizama Leal de Melo Lima

Thiago Fernandes
Esp. Thiago da Silva Fernandes

CAMPINA GRANDE –PB

2025

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER
Biblioteca Central - UNIFIP

Gouveia, Sthephany Hortência de Almeida.
G456i A INFÂNCIA É UM CHÃO QUE PISAMOS A VIDA INTEIRA: Um olhar sobre os vínculos de apego e desenvolvimento emocional. / Sthephany Hortência de Almeida Gouveia. – Campina Grande –PB: UNIFIP, 2025.
49 fls.

Orientador (a): Prof Dra. Juliana Fonsêca de Almeida Gama
Monografia Graduação Bacharelado em Psicologia

1. Teoria do apego. 2. Jonh Bowlby. 3. Transgeracionalidade. 4. Infância. 5. Adulto. I. Título. II. Centro Universitário - UNIFIP

UNIFIP/BC CDU: 159.9

Francisco das Chagas Leite – Bibliotecário. CRB 15/0076

DEDICATÓRIA

Dedico à minha criança interior, àquela menina ainda vive em mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e a Nossa Senhora da Conceição, que estiveram sempre comigo, me capacitando e me guiando. Agradeço pelas bênçãos na construção desse trabalho, colocando pessoas incríveis para participar e auxiliar esse projeto.

Agradeço aos meus pais, Kalina e Horácio, e ao meu irmão, Kauã, que sempre estiveram me impulsionando a ser melhor, acreditaram em mim e em mim depositaram confiança. Foi buscando o olhar de orgulho de vocês que consegui atravessar esses cinco anos.

Aos demais familiares, sou muito grata por todo carinho e encorajamento. Aos meus amores, vovó Zilda, vovô Nézio e vovó Sinhá, todo o meu amor, vocês formaram parte de quem eu sou, as partes mais bonitas.

Às minhas amigas, Danielle Bernardinho e Maria Rita Ribeiro, elas são anjos que Nossa Senhora colocou em minha vida, sempre torcendo por mim, me apoiando e impulsionando o meu desenvolvimento. Aos meus colegas de curso, agradeço por trilharem essa caminhada comigo.

"Amor talvez seja isso, descobrir o que o outro fala mesmo quando ele não diz. Eu gostaria de lhe agradecer pelas inúmeras vezes que você me enxergou melhor do que sou. Pela sua capacidade de me olhar devagar, já que nessa vida muita gente me olhou depressa demais" (Melo, 2007)

Ao meu psicólogo, dedico parte dos méritos pelo sucesso desse projeto, um profissional excepcional, que vem me ajudando a superar lacunas que ainda estão abertas.

Às minhas orientadoras, Juliana Gama e Pammella Carvalho, agradeço pelo empenho, paciência e dedicação. A orientação foi essencial para esse projeto.

De forma mais que especial, quero agradecer a todas as pessoas que participaram da pesquisa, dedicaram tempo, disponibilidade e suas memórias para o projeto. Meu mais sincero muito obrigada!

“A infância é um chão que pisamos a vida inteira ” (Lya Luft).

RESUMO

A psicologia do desenvolvimento investiga como as pessoas crescem, se desenvolvem e se adaptam em diferentes estágios da vida. Dentro deste campo, John Bowlby desenvolveu a Teoria do Apego, apontando que os laços afetivos construídos na infância têm impactos duradouros e relevantes no desenvolvimento emocional do sujeito. A partir dessa teoria, foram estruturados três vínculos de apego, que são baseados nas relações de afeto mãe-criança, sendo eles: apego seguro, apego ambivalente e apego evitativo, e posteriormente, um quarto, o apego desorganizado. Diante disso, o presente trabalho propôs-se a investigar como os estilos de apego desenvolvidos na infância podem afetar as relações emocionais do indivíduo na idade adulta. Para responder ao problema proposto, a pesquisa se baseou nas teorias e trabalhos dos principais estudiosos deste tema, com destaque a John Bowlby, Mary Ainsworth, Main e Solomon, e Boris Cyrulnik. Como metodologia, foi realizado um estudo do tipo descritivo, com abordagem qualitativa. Os dados foram coletados por meio de entrevista estruturada, com 12 adultos. Propôs-se para análise de dados o método de categorização de conteúdo proposto por Bardin (2008). A análise demonstrou que há consequências significativas no que diz respeito aos aspectos relacionais e comportamentais na vida adulta do sujeito a partir do estilo de apego que o mesmo desenvolveu na sua infância. Os apontamentos e percepções da maioria dos entrevistados trouxeram à luz características de suporte familiar, em acordo com a literatura base. As características identificadas em maior grau no discurso dos entrevistados foi a transgeracionalidade, como modos de comportamentos que perduram gerações, apontando que a forma com a qual o indivíduo estabelece relações na vida adulta tem raízes no modelo de apego de suas figuras representacionais.

Palavras-chave: Teoria do apego. Jonh Bowlby. Desenvolvimento emocional. Transgeracionalidade.

ABSTRACT

Developmental psychology investigates how people grow, develop, and adapt at different stages of life. Within this field, John Bowlby developed Attachment Theory, pointing out that affective bonds built in childhood have lasting and relevant impacts on the individual's emotional development. Based on this theory, three attachment bonds were structured, which are based on mother-child affectionate relationships: secure attachment, ambivalent attachment, and avoidant attachment, and later, a fourth, disorganized attachment. In view of this, this study proposed to investigate how attachment styles developed in childhood can affect the individual's emotional relationships in adulthood. To answer the proposed problem, the research was based on the theories and works of the main scholars on this subject, especially John Bowlby, Mary Ainsworth, Main and Solomon, and Boris Cyrulnik. As a methodology, a descriptive study was conducted with a qualitative approach. Data were collected through structured interviews with 12 adults. The content categorization method proposed by Bardin (2008) was proposed for data analysis. The analysis demonstrated that there are significant consequences regarding relational and behavioral aspects in the subject's adult life based on the attachment style that he or she developed in childhood. The notes and perceptions of most of the interviewees brought to light characteristics of family support, in agreement with the

literature. The characteristics identified to a greater degree in the interviewees' discourse was transgenerationality, such as modes of behavior that last generations, indicating that the way in which the individual establishes relationships in adult life is rooted in the attachment model of his or her representational figures.

Keywords: Attachment theory. John Bowlby. Emotional development. Transgenerationality.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Descrição do experimento "A situação estranha".....17

Tabela 2: Subdivisões dos tipos de apego em idade e gênero.....28

SUMÁRIO

1 Introdução 10

2 Fundamentação teórica 13

2.1 Jonh Bowlby e a Teoria do Apego 13

2.1.1 Tipos de Apego 16

3 Método 20

3.1 Delineamento e hipóteses 20

3.2 Participantes 20

3.3 Instrumentos 21

3.4 Procedimentos e aspectos éticos 21

3.5 Análise de dados 22

4 Resultados e discussões 24

4.1 Tipos de apego 25

4.2 Transmissão transgeracional 32

4.3 Relações futuras 33

5 Considerações finais 37

6 Referências Bibliográficas 38

Apêndices

Anexos

1 Introdução

A psicologia do desenvolvimento é o campo da psicologia que estuda as mudanças físicas, cognitivas, psicológicas, emocionais e sociais que ocorrem ao longo da vida de uma pessoa, desde o nascimento até a velhice (Biaggio 2003; Bee & Boyd, 2009; Pappalia & Feldman, 2013). Ela investiga como as pessoas crescem, se desenvolvem e se adaptam em diferentes estágios da vida, como infância, adolescência, idade adulta e velhice, sendo uma área repleta de marcos históricos e subdivisões, que implicam na estruturação de inúmeros conceitos psicológicos.

O psicanalista inglês John Bowlby (1907-1990), dentro desse campo, dedicou sua vida a estudar as implicações do cuidado e da disponibilidade afetiva da figura de apego, geralmente chamado de "mãe", considerando a função exercida e não especificamente o vínculo biológico, no desenvolvimento psicológico da criança, bem como seus reflexos nas demais fases da vida, de seus processos e relações. Para ele, os laços afetivos construídos na infância têm impactos duradouros e relevantes no desenvolvimento emocional do sujeito (Bowlby, 2015), entendimento que resultado na Teoria do Apego.

Após a proposta teórica de Bowlby, Mary Ainsworth, reconhecida como uma importante contribuidora para a forma como trabalhamos a Teoria do Apego na psicologia moderna, também se dedicou ao estudos dos efeitos do vínculo mãe-filho no desenvolvimento psicológico do bebê. Por meio de seus estudos, experimentos e pesquisas, Ainsworth et al. (1978) confirmou que as crianças correm o risco de apresentar problemas no desenvolvimento emocional e psicológico quando o vínculo entre mães (figuras de apego) e filhos é rompido de alguma maneira. Como resultado, foram estruturados três vínculos de apego, que são baseados nas relações de afeto entre a figura de apego e criança, sendo eles: apego seguro, apego ambivalente e apego evitativo.

Etimologicamente, de acordo com o dicionário de português da Porto Editora

(Infopédia), a palavra afeto significa “um fenômeno emocional, agradável ou desagradável, produzido por uma influência exterior”. Compreende-se, nesse sentido, que o papel do apego na vida dos seres humanos é imprescindível para o desenvolvimento, pois o mundo sensível do bebê é composto, sobretudo, pela influência de outrem. Sobre isso, Santos e Araújo (2016, p.71) explicam que as “atitudes, ações, reações e emoções, conscientes ou inconscientes, da mãe, ou do primeiro cuidador, influenciam no desenvolvimento psíquico do bebê”.

Para Bowlby (2015), nessa perspectiva, seria a partir das interações com as figuras de apego que as crianças desenvolveriam modelos internos de representação tanto de si mesma, como dos outros, e do que devem esperar das relações sociais. Essa dinâmica de vinculação, como uma condição inata dos seres humanos, inclusive, é o que estrutura a “Teoria do Apego” desenvolvida pelo teórico.

Falando sobre o caráter originário da vinculação, entende-se que os bebês têm sinais inatos para sinalizar suas necessidades fisiológicas de fome, sono, desconforto e dor, e esses sinais demandam proximidade de seus cuidadores para sua satisfação. Com o passar do tempo, então, o vínculo de apego vai se desenvolvendo em função do suprimento dessas necessidades, chegando a fase mais crítica entre o nascimento e os 2 anos de idade, em decorrência das capacidades cognitivas e emocionais da criança (Bowlby, 2015).

Cyrulnik (2006) argumenta que a maneira como as ações e palavras são apresentadas ao sujeito, sobretudo, nessa fase, tem um impacto muito maior na vida emocional do bebê do que a intenção por trás dessas ações, o que afeta diretamente no processo de atribuição de significado e na criação de referências de apego. Para o autor, não há nada mais singular do que a forma como atribuímos sentido aos fenômenos que moldam as nossas memórias e identidade. Esse sentido enraíza-se em nós e nos orienta.

Cyrulnik (1937) é um médico e psicanalista francês, de 87 anos, que foi responsável por trazer a discussão de resiliência psicológica para o campo psicanalítico. Ele utilizou a “Teoria

do Apego" em conjunto com as bases da "Teoria do Trauma" freudiana, para formular suas hipóteses e reflexões. Assim, ele discute sobre o impacto, na vida adulta, dos estilos de apego criados na infância (Duarte, Winograd & Klier, 2022).

Tendo apresentado brevemente a Teoria do Apego e seus paralelos, cabe apontar que esse tema foi escolhido a partir dos aprendizados e mobilizações que as disciplinas de Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia da Infância suscitaram sobre a importância das relações familiares e/ou de apego na constituição do indivíduo. O desejo de escrever sobre tal temática foi se reafirmando com o passar do tempo, alinhado às expectativas de exercer a profissão, com atendimento direcionado a crianças e adolescentes. Ademais, em meio as pesquisas sobre o tema, foi observado a rasa produção científica brasileira sobre o assunto.

Compreendendo a importância de trabalhar as relações na infância, para que a criança obtenha um desenvolvimento saudável, este estudo teve como objetivo geral investigar como os estilos de apego desenvolvidos na infância podem afetar nas relações emocionais do indivíduo na idade adulta. De tal modo, fez-se necessário, como objetivos específicos, compreender o conceito de apego proposto por Bowlby, bem como estilos de apego que podem ser desenvolvidos a partir das relações originárias, além de discutir sobre o lugar que o apego desempenha no desenvolvimento humano, estabelecendo relações entre as vinculações da infância e as relações estabelecidas na fase adulta. Ademais, buscou-se verificar, através de entrevistas estruturadas com 12 pessoas, as consequências dos vínculos de apego, sobretudo, inseguros e ambivalentes, nas relações estabelecidas por adultos.

Com vistas a responder ao problema proposto, a pesquisa se baseou-se nas teorias e trabalhos dos principais estudiosos deste tema, dentre os quais, os já mencionados John Bowlby, criador da Teoria do Apego, Boris Cyrulnik, analista que articulou a Teoria do Apego e o conceito de resiliência, e Mary Ainswroth, que fez o estudo da "Situação Estranha".

2 Fundamentação Teórica

2.1 Jonh Bowlby e a Teoria do apego

O ser humano é um ser sociável. Desde o nascimento, dependemos e interagimos com nossos cuidadores a todo momento, portanto, nossas representações sociais são criadas e moldadas a partir deles. Dessa maneira, compreende-se que o sujeito está a todo momento realizando conexões e atribuindo significados ao processar as informações captadas do meio externo, por esse motivo, vários são os estudos que vêm confirmando a necessidade de um olhar mais atento às relações e às formas pelas quais elas são construídas desde a infância (Barstad, 2013).

Jonh Bowlby, foi um médico psicanalista que dedicou sua vida a estudar e pesquisar tais relações. Seu interesse pelas conexões de apego iniciaram no ano de 1929, quando trabalhou em uma escola para crianças "desajustadas". Tal vivência e as observações decorrentes dela, mais tarde, culminaram na obra "Forty-Four Juvenile Thieves" [Quarenta e Quatro Delinquentes Juvenis] (1944-1946), estudo que contempla as relações de crianças que foram removidas do seio familiar, experienciando privação emocional e perdas precoces. Nesse contexto, Bowlby analisou repercussões na personalidade, autoconfiança e autoestima (Bowlby, 2015).

Embasando-se, principalmente, nos fenômenos psicanalíticos sobre as relações objetais[1], Bowlby explicou, com sua teoria, que, apesar de serem muito variáveis os padrões comportamentais dos seres vivos, existiria um padrão de comportamento ativado por gatilhos específicos na natureza. Para dizer isso, ele postulou o conceito de sistema comportamental, isto é, uma programação neural com base evolutiva humana, universal à espécie, que

[1] Bowlby apresentou críticas a esse termo, que conhecidamente nomeia uma das principais teorias de Melanie Klein, pois, segundo ele, retira o sentido de afetividade, que, em teoria e prática, lhe eram importantes. De forma antecedente à Bowlby, inclusive, com a Teoria das Relações Objetais, Klein enfatizou que as as relações com os cuidadores exerciam larga influência na personalidade e na capacidade de um sujeito de se relacionar ao longo da vida.

organizaria o comportamento para aumentar as chances de sobrevivência e reprodução do indivíduo (Barstad, 2013).

Direcionando ao desenvolvimento infantil, explica-se que a criança necessita de alguém que satisfaça suas necessidades fisiológicas e emocionais. Com esse "alguém", que a oferta tais satisfações, a criança, então, estabelece uma conexão, considerando-a como uma figura de apego, com quem se sente com maiores garantias de sobrevivência não apenas física, mas emocional.

. Isso acontece como consequência de manifestações impulsivas de causa e consequência que aconteceram, por exemplo: ao estar com fome, a criança chorou e foi saciada por essa figura; ao sentir dor, foi sustentada por essa figura; ao acordar, foi acolhida por essa figura. O adulto, nessa condição, torna-se o mediador entre a criança e ela mesma, e posteriormente, entre ela e o mundo, logo, é a partir da disponibilidade de afeto do adulto que a criança norteia as formas de expressão de seus anseios para que sejam saciados de uma forma satisfatória (Bowlby, 2015).

Para além do conceito de *sistema de comportamentos de apego*, passamos então, à compreensão do conceito de *figura de apego*, considerando o "apego" como uma necessidade humana que faz parte do referido sistema.

1. Os comportamentos de apego de um indivíduo são dirigidos a apenas algumas pessoas específicas, em uma ordem clara de preferência;

2. Os comportamentos de apego se transformam ao longo da vida, podendo até mesmo serem substituídos por outras formas de apego, entretanto, sempre estarão presentes, principalmente aqueles construídos na primeira infância

3. Engajamento emocional: Quanto mais experiência a criança possui com a figura (geralmente, mas não necessariamente a mãe), mais apegada ela estará

4. Aprendizagem: o apego é construído e a manifestação dele é aprendida

5. Organização: o apego vai se construindo das respostas mais simples às mais complexas, se reafirmando e moldando-se as idealizações próprias do indivíduo;

6. Função biológica: o comportamento de apego está presente em todas as espécies animais, sendo importantes para a sobrevivência e proteção de predadores (Bowlby, 1977).

Considerando essas especificações, entende-se que o apego responde ao estilo de ligação que o sujeito tem com uma determinada pessoa, que é solicitada pela criança quando ela se percebe em uma situação de sofrimento, pois é vista por ela como a pessoa mais apta a lidar com o mundo (Diniz, Assis & Sousa, 2018). Esse relacionamento tem como objetivo a autonomia da criança, sendo assim, quanto mais próxima e segura à criança está da figura de apego, mais liberdade ela tem ao explorar o ambiente, e maiores são a sensação de segurança física e emocional que ela adquire (Diniz, Assis & Sousa, 2018).

Naturalmente, ao se separar da figura de apego a criança demonstra vários padrões de comportamento equiparados às reações de luto, podendo chegar a formatações agravadas quando a separação não tem reparos. Para Bowlby (2015, p.74), a crianças pode passar pelas seguintes fases:

1. Fase de protesto: a criança se empenha para recuperar a pessoa perdida, de maneira que ela pode chorar, gritar e protestar quando a figura de apego a deixa, para que ela não vá.
2. Fase de desespero: a criança pode passar para essa fase, apresentando sensações ambivalentes, que vão da intimação raivosa e exigente pela presença da pessoa e um desespero contido ou não por sua ausência. Nesse momento, os protestos da criança podem começar a diminuir e parecerem mais tranquilos, embora possa parecer desinteressada por qualquer coisa;
3. Desligamento emocional: quando, após a desorganização da fase de desespero, a criança busca pela reorganização de sua atual realidade, e inicia um processo de

> desligamento/ esquecimento da figura perdida (Bowlby, 2015, p.74).

Determinadas reações variam a partir do grau de intensidade com a qual a separação é estabelecida. Sendo ela mais momentânea ou duradoura, respectivamente, as reações de luto podem ser mais atenuadas e raramente completas, ou em casos de separações bruscas e definitivas a criança tende a apresentar reações agudas, chegando até, em casos mais graves, a se transformarem em casos patológicos.

2.1.1 Tipos de apego

Um grande indicativo da qualidade da relação mãe-criança, ou melhor figura de apego-criança, é o equilíbrio (ou desequilíbrio) dinâmico das reações expressadas pela criança perante uma breve ausência materna e o retorno da mãe ao ambiente. Estes aspectos foram mensurados no estudo "Procedimento da Situação Estranha", da psicóloga Mary Ainsworth, de 1978.

Conforme descreve Abreu (2019), o objetivo central da pesquisa executada por Ainsworth foi observar e mensurar a liberdade e a confiança da criança para explorar o ambiente na presença e ausência da figura de apego, além do estresse e da tensão acumuladas na ausência materna. Ribas e Moura (2004, p.316), explicam que

> “a situação estranha consiste em uma série de episódios nos quais a mãe e a criança são reunidos e separados, envolvendo em alguns deles a presença de uma mulher estranha para a criança. Nesses episódios é observada a reação da criança e, a partir disso, são feitas inferências sobre o tipo de apego que desenvolveu”.

No estudo, portanto, mãe e filho (de 9 a 18 meses), foram colocados em um ambiente desconhecido e pequeno, com brinquedos de interesse da criança. O procedimento envolve oito episódios, com duração aproximada de 3 minutos cada, nos quais a mãe, a criança e um estranho são apresentados, separados e reunidos (Abreu, 2019, p. 58). O procedimento está descrito na tabela (Tabela 1) abaixo:

Tabela 1: Descrição do experimento "A situação estranha".

Episódio	Pessoas presentes	Duração	Descrição
1	Mãe, criança e pessoa desconhecida à criança	30s	Mãe e filho entram na sala de jogos
2	Mãe e criança	3min	A criança é incentivada a explorar
3	Mãe, criança e pessoa desconhecida à criança	3min	O estranho entra e tenta interagir
4	Criança e pessoa desconhecida à criança	3min ou menos	A mãe sai enquanto o estranho está presente
5	Mãe e criança	3min ou mais	A mãe entra e o estranho sai
6	Criança	3min ou menos	Segundo episódio de sepração
7	Criança e pessoa desconhecida à criança	3min ou menos	O estranho retorna
8	Mãe e criança	3min	A mãe retorna e interage com a criança

Autoria: prórpia, com base na descrição de Abreu (2019, p. 58).

No experimento, a criança que não protestou ou se angustiou com a ausência materna, conseguiu explorar o ambiente com certa autonomia e liberdade na presença do adulto desconhecido, e com o retorno da mãe a recebeu com empolgação e alegria, buscando se aninhar em seus braços e permanecendo em sua presença, foi classificada no grupo de crianças com *apego seguro* (Barstad, 2013).

Sobre esse tipo de apego, Mendes e Rocha (2016) explicam que as crianças que possuem confiança e segurança, potencialmente foram confortadas por suas mães imediatamente após episódios estressantes, sendo assim, elas apresentam certa certeza de que as mães estarão disponíveis para auxiliá-las de forma amável e afetiva, em caso de algum perigo eminente. Como consequência, podem não apresentar grandes modificações no comportamento ao serem deixadas nas escolas/creches, por exemplo, além de se prontificarem a serem mais cooperativas e altruístas que os demais alunos (Mendes & Rocha, 2016).

O segundo grupo de crianças, por sua vez, é composto por aquelas que tiveram

interações rápidas e impessoais, chegando a ignorar as tentativas de aproximação da mãe no seu retorno e apresentaram certo desprezo à sua ausência, além de parecerem ser mais amigáveis quando colocadas sozinhas com o estranho, do que na presença da própria mãe. Essas crianças foram classificadas por Ainsworth (1978), como: *apego ansioso-evitativo* (Abreu, 2019, p.58).

Esse comportamento, como refletem Mendes e Rocha (2016), pode decorrer das experiências de incerteza sobre receber ou não conforto em momentos de estresse, demarcadas pelo conflito entre, por vezes, receber apoio e ajuda, e por outras, serem negligenciadas em seus conflitos e desemparadas em suas demandas. Tais indivíduos, podem ter sido ameaçados de abandono ao serem repreendidas por seu comportamento durante a aplicação da pesquisa, por exemplo, ou para além dela, de maneira que, mantém-se distantes emocionalmente (Abreu, 2019).

No terceiro grupo, há uma dualidade de comportamento, como a relutância de contato com a mãe e a busca por proximidade. Na presença da mãe, as crianças não tinham iniciativa para explorar o ambiente e apresentavam desespero por contato. Na ausência materna, a grande maioria das crianças apresentavam choro descompensado e alguns comportamentos únicos. Por outro lado, com o retorno dela exibiram atitudes controversas, oscilando entre raiva eminente, resistência da proximidade, agressividade e exigência pela procura. Essas, foram classificadas por Ainsworth (1978), como *apego inseguro ansioso-ambivalente* (Abreu, 2019, p.60)

Caracterizadas pela insegurança, foi observado que as crianças com este tipo de apego poderiam ter passado por um abandono parcial da disponibilidade de afeto de suas figuras de apego, uma vez que, ambivalentemente, sentem extrema angústia com a possibilidade de serem abandonadas, mas embora ajam como se tivessem esperanças de receber conforto e amor, também apresentam falta de qualquer expectativa de receber ajuda ao procurar assistência (Abreu, 2019).

Posteriormente, Main e Solomon (1986) realizaram estudos sobre os tipos de apego e

sugeriram um quarto padrão de vinculação, o apego desorganizado/controlador, que incorpora comportamentos de resistência e ansiedade. As crianças classificadas com esse tipo de apego apresentaram características como demonstração de comportamentos contraditórios, expressões e movimentos desorganizados e estereotipias desorientadas. Segundo Barstad (2013), são crianças extremamente aflitas e confusas, que estão a todo momento esperando situações desesperadoras.

> Esse tipo específico de apego foi supostamente atribuído a crianças que sofreram intensamente com processo de luto por perda significativa na infância, sem uma figura substitutiva consistente para retificação do desamparo, ou que passaram por algum trauma associado a abuso físico e/ou sexual, sem uma figura de apego suficiente (Abreu, 2019, p. 63).

Cyrulnik (2006), ao abordar e complementar a teoria do apego desorganizado, pontuou que as crianças com tal classificação possuem um mal-estar interno intransponido, pois têm representações inseguras de afeto dos adultos ao seu redor. E, por conta da inconstância de afeto, acabam por não desenvolverem repertório de situações e reações tranquilizantes, estáveis e seguras, de maneira que não sabem utilizar a mãe ou supota figura de apego como base de segurança (Duarte el al, 2022).

Como tratado até o momento, a falta de afeto pode ser nociva para o desenvolvimento emocional do indivíduo, entretanto, é importante esclarecer que o excesso se mostra também danoso. Nesse caso, "a suposta pletora cria um empobrecimento, pois a abundância de estímulos provoca uma montanha sensorial que adormece a alma e impede o desejo" (Cyrulnik, 2006, p.60), isso implica dizer que a criança pode ficar aprisionada em um mundo sem faltas e é a falta que provoca desejo.

Por fim, há dois estilos de vínculos, dos já mencionados, que tendem a ser transmitidos entre as gerações, de forma mais rígida, são eles: o apego seguro e o apego desorganizado. Os outros são passados de forma mais branda, e, função da cultura geracional e dos estilos de afeto

das demais pessoas que compõem o núcleo familiar da criança, que apesar de menos significativos, como alguns pais, tias/os, o avô e a avó, um amigo, uma professora, têm bastante influência no desenvolvimento da criança (Cyrulnik, 2006, p.129).

Em decorrência desses conceitos, adentramos em uma perspectiva de transgeracionalidade, compreendendo que, embora haja transmissões mais marcantes em alguns tipos de apego, o sujeito carrega, em qualquer que seja, conceitos e predicados de seu núcleo originário, ainda que, como ser sociável e subjetivo, ele possa acabar desenvolvendo relações com figuras de menor valor representacional que viabilizem um processo de retificação.

3 Método

3.1 Delineamento e Hipótese

A presente pesquisa descreve-se como sendo um estudo do tipo descritivo, com abordagem qualitativa. Com essa tipologia, foram formuladas as seguintes hipóteses: 1) Adultos com apego seguro tendem a formar e manter relacionamentos mais estáveis e satisfatórios em comparação com aqueles com apego inseguro; 2) Adultos com apego ansioso tendem a demonstrar maior dependência emocional nas relações; 3) Adultos com apego evitativo apresentam mais dificuldade em criar e manter laços íntimos em suas relações. Hipóteses confirmadas, conforme será exposto nos resultados.

3.2 Participantes

A amostra do presente estudo contemplou adultos, entre 22 e 44 anos, sem especificações com relação a origem territorial. No total, foram 12 participantes, sem restrições com relação a gênero. A técnica de amostragem foi não probabilística por conveniência, que segundo Cozby (2009, p.152) “pode ser considerado um método para obter participantes do tipo ‘pegue-os onde puder encontrá-los’”. O recrutamento se deu de maneira informal e direta,

sem intermediação institucional. Foram incluídos na pesquisa, portanto, adultos de ambos os sexos, com mais de 20 anos de idade, que aceitarem participar da pesquisa mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 1) e do Termo de Autorização para Gravação de Voz (TAGV) (Anexo 2).

3.3 Instrumentos

Para a realização do presente estudo, foi realizada uma entrevista estruturada (Apêndice 1) extraída, como inspiração, da dissertação de Mariana Barstad (2013). A entrevista, na presente pesquisa, passou por uma seleção de questões, com fins de compactação. O roteiro foi composto por perguntas acerca das relações de apego na infância e adolescência, tendo como foco os seguintes eixos: relações com figuras significantes, relações familiares, experiências de separações e luto. Além disso, há questões relacionadas a dados sociodemográficos como idade, gênero e estado civil.

3.4 Procedimentos e Aspectos Éticos

Antes da realização da pesquisa, a presente proposta foi submetida ao Comitê Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas de Patos, e seguiu os critérios estabelecidos no item II, subitem II.14 da Resolução 466/2012 do CNS. Ademais, os procedimentos só foram iniciados após aprovação e adequação à Resolução nº 510/2016, expedida pelo Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). Tal instrumento normativo assegura os direitos e deveres que dizem respeito à ética na pesquisa com seres humanos. Assegurou-se, portanto, que os sujeitos estão resguardados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que enfatiza a liberdade de escolha e de desistência sem qualquer prejuízo, além do sigilo nas informações e do anonimato aos envolvidos.

Como explicado, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, os entrevistados foram convidados a responder a pesquisa de forma virtual ou presencial, de acordo com a

conveniência de cada um. A pesquisadora entrou em contato com potenciais participantes por meio de uma Carta-Convite enviada individualmente, onde constavam os objetivos e a proposta do estudo. Com o aceite do participante, agendou-se a entrevista, que ocorreu de maneira presencial, em um lugar reservado, de escolha e conveniência do participante, ou de forma virtual, no Google Meet, plataforma com criptografia, garantindo o sigilo necessário.

Consentida a participação e após a assinatura do TAGV, as entrevistas foram gravadas para posterior transcrição. Ao início da entrevista, foi feita a leitura do TCLE e, após a assinatura, a entrevista teve início. A pesquisadora responsável deixou claro o caráter voluntário e o anonimato de cada participante, de acordo com as normas éticas exigidas, enfatizando, inclusive, que estes estavam livres para parar de participar a qualquer momento que desejassem, sem que houvesse nenhum tipo de penalização.

A entrevista foi dividida em duas fases: a primeira, na qual foram abordados dados socioeconômicos, e a segunda, onde foram feitas questões sobre as experiências relacionais de apego dos participantes. Após a finalização, foram feitos os devidos agradecimentos. Os dados coletados foram armazenados em um dispositivo informático sem acesso à nuvem, garantindo a proteção e sigilo das informações. Os dados serão destruídos após cinco anos, visando a proteção das informações sigilosas.

3.5 Análise de Dados

Os dados foram analisados sob o método de categorização de conteúdo proposto por Bardin (2008). O método de análise de conteúdo de Bardin (2008), é uma técnica que visa identificar e interpretar os significados dos materiais qualitativos, sendo dividido em três etápas, 1. Pré-análise, 2. Exploração do material e 3. Codificação dos resultados. Na etapa inicial, é realizada a leitura flutuante do material e o levantamento de hipóteses perante o conteúdo apresentado e o enquadro dele nas subcategorias de análise.

Na etapa subsequente, ao explorar o material, buscamos articulá-lo com a teoria, transformando assim, o dado bruto em conteúdo analisado. Então, criamos categorias que abarcam a maior quantidade de eixos possíveis e relevantes para o estudo com o conteúdo que temos. Por fim, codificamos e organizamos os dados em tabelas e eixos temáticos

Descritivamente, realizou-se o agrupamento e categorização das entrevistas e do conteúdo encontrado, que foram subdivididos em: 1. Tipos de apego; 2. Transmissão transgeracional; 3. Relações futuras. Definidas as categorias de análise e identificados os eixos característicos nos discursos dos participantes, com os tipos de apego e seu impacto no desenvolvimento psicossocial do participante, partiu-se para a análise formal dos dados.

Formalmente, a escolha por uma abordagem qualitativa nessa pesquisa se justifica pela densidade das questões e nuances do tema, vínculos de apego e desenvolvimento emocional, além de possibilitar uma pesquisa de natureza exploratória, visando aprofundar questões de experiência particular na narrativa dos participantes, buscando fugir de generalizações e estatísticas.

Adentrando nos dados, houve 12 participantes, sendo 07 pessoas do sexo feminino e 05 do sexo masculino. As entrevistas tiveram uma duração média de 30 minutos. Em relação ao eixo “Tipos de apego”, 05 (cinco) pessoas se enquadraram no apego seguro (sendo elas: E1, E4, E5, E10 e E11), 01 (uma) pessoa no apego ansioso/evitativo (E2), 04 (quatro) pessoas encaixaram-se no apego ansioso/inseguro (E3, E7, E9 e E12) e outras 02 (duas) no estilo desorganizado/controlador (E6 e E8). Foram encontrados em todas as entrevistas muitos aspectos de transmissão transgeracional e reflexos dos estilos de apego aprendidos na infância nas relações criadas na vida adultas do sujeito.

Tabela 2: Subdivisões dos tipos de apego em idade e gênero

Participantes	Tipo de Apego	Idade	Gênero
E1	Seguro	42	Feminino
E2	Ansioso/Evitativo	44	Feminino
E3	Inseguro/Ansioso	31	Feminino
E4	Seguro	26	Masculino
E5	Seguro	22	Feminino
E6	Desorganizado/ Controlador	25	Masculino
E7	Inseguro/Ansioso	30	Feminino
E8	Desorganizado/ Controlador	31	Feminino
E9	Inseguro/Ansioso	32	Feminino
E10	Seguro	25	Masculino
E11	Seguro	30	Masculino
E12	Inseguro/Ansioso	32	Masculino

Autoria: própria

Os participantes foram nomeados por códigos, com fins de preservar a identidade de todos.

4 Resultados e discussões

Essa parte do trabalho dedica-se a análise e apreensão dos resultados, com fins de apontar o cumprimento dos objetivos e a confirmação das hipóteses levantadas. Antes, porém, faz-se relevante considerar, nas palavras de Bowlby (1988), que a saúde mental de uma criança e, consequentemente, do adulto que ela se tornará, depende de que ela tenha "a vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com sua mãe (ou uma mãe substituta permanente, uma pessoa que desempenha, regular e constantemente, o papel de mãe para ela) na qual ambos

encontrem satisfação e prazer” (p. 13).

4.1 Tipos de apego

Os participantes representantes do *apego seguro* foram E1, E4, E5, E10 e E11. De maneira geral, ao se recordarem da infância, caracterizaram muitos pontos positivos, demarcados por afeto e cuidado das figuras parentais. Como sinalizado por Bowlby (1988, p.119), pessoas com esse referencial de apego têm experiências com suas mães referenciadas pela disponibilidade, por se mostrarem sensíveis as suas demandas e ao atendê-las. Os participantes desse caso relataram uma infância com momentos felizes, geralmente em família, nos quais eram feitas repreensões, mas com diálogo e respeito. Além disso, não caracterizaram seus pais como figuras ameaçadoras. Alguns exemplos:

> **E1:** “Minha relação com meus pais sempre foi muito boa, de muito respeito, existia muito afeto, mas, mais assim [...] demonstrado pelo meu pai. Minha mãe sempre foi um pouco seca, mas foi uma infância muito boa, eles sempre demonstraram muito afeto, muito cuidado”.

> **E4:** “A gente sempre teve uma boa relação, a minha relação com meus pais sempre foi uma relação de muito respeito também, e de compreensão”.

> **E11:** “Minha relação com meus pais na infância sempre foi uma relação saudável. Eu sempre tive uma boa educação, tanto por parte de pai como por parte de mãe”.

Na vida adulta, pessoas com estilo de apego seguro são caracterizadas pela disponibilidade emocional, o sentimento de segurança e conforto com a ausência. São pessoas que tendem a buscar conexões e aprofundar relações, além de se sentirem confortáveis para explorar ambientes, lugares profissionais e emocionais, além de permitir que o outro também as explore (Barstard, 2013).

> **E5:** “Companheirismo, parceria, a gente é muito parceira. Afeto, a gente tem uma relação muito afetuosa, muito companheira, uma da outra até porque desde que meu pai saiu, a gente teve que se juntar ainda mais, né? ”.
>
> **E10:** “Não tenho a metade da alegria do meu pai, meu pai é um cara muito festeiro, dançarino, brincalhão”.

Segundo Bowlby (1988), uma criança saudável começa a explorar o ambiente quando se sente suficientemente segura, sabendo que seus pais estarão lá para ampará-la, caso necessário. Como observado nos relatos, confiança, parceria e companheirismo, são palavras frequentes no vocabulário dos filhos com o estilo de apego seguro.

> **E4:** “Confiável. Eu acho que meu pai é uma pessoa que podia se confiar nele, acredito. Eu, pelo menos, confiava muito nele [...] Assim, eu tinha um receio. Tinha receio às vezes de fazer alguma coisa errada e tal, porque eu sabia que ia apanhar se fizesse errado. Mas, como uma ameaça, não. Assim, um receio mesmo. Acho que toda criança pensa assim, se eu fizer errado, já sei o que vai acontecer. Mas, vê-los como ameaça, nunca, nunca. Pelo contrário, eu sempre vi eles como alguém que eu poderia contar”.
> **E5:** “A repreensão dela era mais com palavras, era mais na conversa, ela nunca foi de me bater, nem algo do tipo, nem ela, nem meu pai nunca fui de apanhar.”

O participante representante do *apego ansioso e evitativo* foi o E2. Esse estilo é caracterizado por uma dualidade de experiências. O sujeito com apego ansioso apresenta traços de desconexão, indiferença e ansiedade em suas relações, pois o mesmo não construiu um padrão de comportamento sólido o suficiente para transmitir conforto e previsibilidade em suas relações. Ora há muito afeto, cuidado e compreensão, ora há indiferença, rancor e raiva. Como sinalizado por Bowlby (2015), pessoas afetivamente evitativas são emocionalmente difíceis de manter um vínculo afetivo com outras pessoas, pois frequentemente demostram um desprezo

pela presença do próximo, representados por comportamentos de arrogância e independência.

> **E2:** "Raiva e silêncio, certo? Silêncio é porque quando nós brigávamos, tanto ela fazia muito silêncio comigo e isso me doía muito, eu acho que era porque meu pai fazia com ela, o silêncio, então brigados eles ficavam realmente em silêncio. Mas, ao mesmo tempo, esforço, eu via o quanto ela se esforçava por mim. Eu vou dizer a você, eu vou chamar um adjetivo que era da relação com ela, a cozinha e a comida, porque, para mim, era o jeito que ela se sentia útil em relação a mim".
>
> **E2:** "Porque eu acho que era a maneira que eu tinha de esquecer o que estava acontecendo, e acordar querendo algo que eu nunca consegui: um pedido de desculpas. Ou vamos fazer o que você está pedindo, era dessa forma".
>
> **E2:** "Eu brigava muito com a minha mãe, mas nunca dizia o porquê, mas eu ficava muito triste, muito angustiada, por ser ela, por isso vir da minha mãe".
>
> **E2:** "Meu pai era ameaçador, por disciplina, por rigidez, por machismo, por tudo isso".

Uma das características desse estilo de vinculação é a manifestação do desprezo, logo, o indivíduo se coloca como autossuficiente, e o outro não consegue acessá-lo na sua individualidade. Entretanto, no já mencionado experimento de Ainsworth, as crianças com esse tipo de comportamento, ao terem aferidos seus batimentos cardíacos e a pressão sanguínea, verificou-se que estavam alterados, com evidência de altos níveis de ansiedade. Explica-se esse fenômeno pelo fato de que lidar com o impasse afetivo do outro, causa muito sofrimento, logo a saída é desprezá-lo, ou aparentar desprezo (Abreu, 2019, p.59).

> **E2:** "Eu acho que eu ainda tenho um pouco de dependência da palavra do outro. Muitas vezes, eu ainda tenho um pouquinho de querer a aprovação da minha família, algo que eu não preciso mais, mas as vezes eu me pego e depois eu mesma me digo 'eu não preciso disso'(...) eu acho que deve ser até um mecanismo de defesa, o

autoritarismo”.

E2: “É tanto que eu fiz uma carta para eles dizendo tudo, tudo. Da infância até hoje, eu fiz uma carta relatando tudo sobre sentimento, sobre convivência, sobre coração, sobre tratamento, sobre filhos, sobre rótulos, tudo. Ainda não entreguei, estou criando coragem para isso, porque sempre aparece mais alguma coisa e eu vou lá e mais um parágrafo”.

Os participantes representantes do *apego ansioso-ambivalente e inseguro* foram E3, E7, E9 e E12. Esse estilo é caracterizado por uma dualidade de experiências. O sujeito com apego ansioso apresenta traços de forte desejo por conexão e intimidade, medo de abandono e rejeição, ansiedade e preocupação excessiva, comportamentos dependentes e carentes, reações emocionais intensas, dificuldade em confiar nos outros, baixa autoestima e dificuldade em lidar com a autonomia (Bowlby, 1988, p.121)

E7: “Não, não existia muito abraços e beijos. E nem palavras, um carinho de fato. O toque físico. Com a mãe, com o pai. Mas, tipo assim, pela manhã sempre estava em casa, de manhã. E aí fazia o almoço, organizava as coisas (...) E qual era a hora que mainha me dava carinho, quando eu estava dormindo. Quando eu acordava, eu acordava com ela me beijando e me abraçando. E a relação era boa, assim. Com muita repressão, pouca paciência. E com punições, né, físicas, batidas”. [...] “Eu me sentia abandonada. Reprimida. Não escutada. Mas, aí ao mesmo tempo que ela não me dava um suporte emocional, ela me dava um suporte material, de dedicação”.

E12: “Eu tinha um amor, assim, louco, louco, louco, pela minha mãe. Mas, eu também via muito pouco ela, ela era meio que mãe de férias. Tipo, só nas férias que a gente tinha algum contato com ela, e todo o resto do tempo, não”. [...] “Eu via ela grandiosa. Estranho, não sei por que. Era como se fosse inalcançável. Acho que era desejo, né?

> Era a ausência que eu tinha e eu buscava demais isso" [...] "A nossa relação deu 360, de um jeito assim. Não tem que dizer se o que for acontecer. Tipo, uma mãe que a gente mal via [...] Hoje, ela é 100% presente. É impressionante. Nosso pai, por outro lado, fez também o oposto. Ele encontrou uma mulher..."
>
> **E3:** "...a necessidade de atenção, essas conversas que existiam que eu era comparada [...] Mas eu acho que eu me sentia rejeitada, durante essas conversas, sabe nunca rejeitada e abandonada, de abandono físico [...] mas, hoje, analisando, olhando, era um abandono de sentimento, de emoção, eu chorava muito, muito, muito… Então, é como se eu quisesse que alguém me acalentasse e eu não tinha".

Na vida adulta pessoas com esse tipo de apego costumam apresentar uma busca por aprovação, insegurança em vários âmbitos da vida, intensidade emocional e grande dificuldade em estabelecer sua autonomia e confiança.

> **E12:** "Quando eu *tô* num relacionamento, meio que eu fico muito dependente da pessoa. Talvez tenha motivos daí, né? Mas [...] Ah, pronto, eu fico com esse medo de abandono, medo de ser abandonado".
>
> **E7:** "Insegurança. Ansiedade. Porque eu tinha que fazer tudo rápido. E tinha que dar tudo sozinha. Então, chegou um tempo que [...] Eu fico desesperada quando elas precisavam resolver alguma coisa. Sozinha" [...] "Os meus medos. E eu vivia ansiando por um colo, de proteção. De um colo que eu me sentisse protegida. Amada. Valorizada. Cuidada. Por isso que o sonho da minha vida era namorar. Porque na minha cabeça, quando eu namorasse eu ia ter tudo isso na minha pessoa".

Bowlby (1988) discute que esse tipo de indivíduo sempre está em um impasse, ligado a uma incerteza afetiva, que o faz tender a uma ansiedade de separação, como comprovado pelo experimento de Mary Ainsworth. Em relação a entrevista número 3 (E3), há uma serie de

dualidades presentes no discurso referentes a relação com a mãe e com o pai. Ao passo que são descritos como "superprotetores", a participantes relata uma série de abandonos emocionais, o que é uma característica marcante desse estilo de apego.

> **E3:** "Eu nunca viajei sem minha mãe, o que para mim era *muuuuito* marcante, era que a gente viajava pra Bahia da Traição, e passávamos de 15 a 30 dias, mas quando eu comecei a ir eu tinha 7-8 anos [...] aí a gente passava pelo menos 15 dias, duas semanas. Aí os homens da família iam e deixavam a gente e passavam o final de semana, aí vinham pra Campina trabalhar e ficavam as mulheres da família e as crianças e todas as vezes que meu pai vinha pra Campina e deixavam a gente lá era um evento, eu chorava, meu primo chorava, era mais eu e meu primo e a gente chorava, "*num vai, eu vou sentir saudade*", e se abraçava com ele, e pronto, então essas lembranças aí de partidas talvez".

Os participantes representantes do *apego desorganizado e controlador* foram E6 e E8. Esse se refere a um ideal de apego que não possui bases para lidar com estresse, tendem a exibir comportamentos confusos e contraditórios. A figura que se apresenta como a mais indicada para ser a cuidadora pode ser também a responsável por humilhar, rechaçar, violentar física/psicologicamente, em períodos muito curtos, trazendo e reforçando essa confusão que uma criança não tem recursos psicológicos para lidar. No estudo, foi atribuído a pessoas que passaram por uma ausência considerável na infância e a indivíduos que foram violentados e maltratados quando pequenos (Abreu, 2019 p. 63).

O entrevistado E6 exemplifica em sua história de vida muitos traços desse tipo de apego, tendo uma primeira infância marcada por separações bruscas, despejos, rejeições e brigas. O mesmo apresenta muitas falas dúbias quando consegue lembrar de momento. Já na entrevista com E8, há muitos traços de extrema angústia ao relembrar a relação parental, o que confere

com o que foi relatado por Main e Solomon (1986), ao dizerem que, nesses casos, são crianças que estão sempre a espera de situações desesperadoras.

> **E6:** "Eu chorava. Chorava muito, me esperneava, mas eu me calava. Porque a gente não tinha abertura pra falar sobre os sentimentos [...] Eu lembro que eu sentia muita falta da minha mãe. Eu acredito também, que eu tinha várias crises. Nessas crises eram crises de doenças mesmo, e eu acredito que seria essa falta da minha mãe. Então, eu tinha febre, dor de ouvido. E nessa questão, eu sempre lembrava da falta dela. Senti a falta dela nessas situações [...] Eu acredito que essa questão de ser uma pessoa extrovertida seria pra mascarar a tristeza e o sofrimento que eu sentia".
> **E8:** "Meu pai sempre foi ausente. Eu não [...] Eu não tenho muita coisa, assim, pra falar dele. Eu não acho ele um bom pai. Ele não foi um bom pai para nenhum dos meus irmãos e nem para mim. Então, eu não tenho o que falar dele. E de lembrança, só lembrança de ruim mesmo. Não tenho nenhuma lembrança boa para falar a verdade".

A entrevistada E8 tem uma relação conturbada com as figuras parentais, pois seu pai sempre foi ausente, apesar de morar na mesma rua, e sua mãe faleceu quando ela tinha apenas 2 anos de idade. Quem assumiu o papel de maternal foi inicialmente a avó materna e depois a irmã mais velha. Observou-se na entrevista que, muitas vezes, ela confunde os papeis maternos, além de demonstrar um rancor intenso pelo pai.

Como pontuado por Barsard (2013), é comum em pessoas com esse referencial de apego: comportamentos contraditórios, desorganizados e desorientados. Pôde-se observar, nesse caso, a confusão de papeis parentais e a angústia ao relembrar esse impasse, onde E8 sequer consegue distinguir os papeis que cada personagem desempenha em sua vida e em sua criação.

4.2 Transmissão Trangeracional

Um aspecto importante para essa pesquisa é a *transmissão trangeracional*, que embora não seja um conceito construído e fundamentado por Jonh Bolwby, foi embasado em sua teoria e observado em todas as entrevistas. A transmissão transgeracional refere-se a ideia de que construímos padrões de apego e de comportamentos na infância que perduram durante toda a vida, e são passados ao longo das gerações, sejam eles padrões seguros ou inseguros. Ou seja, a forma com que as pessoas foram cuidadas na infância molda bases comportamentais a serem transmitida para os filhos.

Abreu (2019) apresenta a *tendência à permanência* dos modelos de apego, ou seja, apresenta a ideia de que os sujeitos tendem a permanecer nos estilos de afeto com os quais foram criados. Segundo ele, buscamos em nossas relações futuras os mesmos princípios de apego que desenvolvemos com nossos cuidadores. Essa proposição fomenta que há uma intensa busca pelo que o indivíduo já conhece, que é replicado na vida adulta, quando a busca pela proximidade parental é substituída por outro alguém que cumpra as mesmas funções. (Abreu, 2019)

Exemplos de transmissão transgeracional:

> **E4:** “Eu acredito que muitos valores que eu tenho vieram da observância deles. Eu acho que o senso de responsabilidade que eu tenho hoje, vem do que eu senti de responsabilidade deles. O compromisso que eu tenho com minhas coisas, com meu trabalho, com meus estudos, vem do que eu vi deles, o compromisso sempre da minha mãe de fazer o seu trabalho da melhor forma possível, do meu pai de fazer também o dele...”. .;
>
> **E11:** “Eu levo muito para o meu casamento. Porque eu sou do time que prefere calar do que discutir. E isso vem desde a minha infância. Quando você começou a falar

deles. A fase de infância deles. A participação dos meus avôs em educação com ele perguntar dessa questão de calar".

E3: "Eu sempre tento confiar nas minhas sobrinhas, e às vezes eu até penso, 'eu acho que não vou ser uma boa mãe, se um dia eu for mãe…', porque eu não tenho paciência, eu me altero com facilidade, eu não vou confiar. E coisas que eu achava ruim quando minha mãe fazia comigo e minha irmã, eu me pego fazendo com minhas sobrinhas..."
E7: "Só. Abandonada. Envergonhada ao nível máximo. Até porque eu me sentia envergonhada. Eu sentia uma solidão assim, que gritava, gritava. Como se eu estivesse sozinha. A mesma solidão que eu sentia no meu pós-parto. A mesma solidão assim. Como se [...] eu estivesse só. E com medo".

E6: "Que eu fui muito rejeitado pelo meu pai por me lembrar muito a minha mãe. Por exemplo, fisicamente, na aparência, eu acredito em algumas coisas também. (...) O silêncio quando a minha tia brigava com o meu pai era uma maneira de me afetar. Então, ela não falava comigo quando aconteceu uma discussão com o meu pai. Aí tinha as questões, por exemplo, de alimentos que ela comia na minha frente. Porque a criança é tudo que vê quer ne verdade. E, principalmente, besteiras, guloseimas. "

E6 traz em sua entrevista algo extremamente rico, pois tem muitas camadas transgeracionais em sua fala. Ao passo que o mesmo relata uma história de sentimento de rejeição e negligência afetiva com relação ao pai, também relata o mesmo comportamento da sua tia, irmã de seu pai, para com ele, o que reifica o apego desorganizado do caso.

4.3 Relações Futuras

Diz-se que os sujeitos não sabem viver sem memórias e lembranças, por mais dolorosas que elas sejam. Sobre isso, Cyrulnik (2006) explica que o processo de significância dos eventos traumáticos é imprescindível para o amadurecimento – "Não existe atividade mais íntima que

o trabalho de atribuir sentido. O que ficou impregnado pelo trauma real alimenta sempre representações de lembranças que constituem nossa identidade íntima. Esse sentido persiste em nós e tematiza nossa vida" (Cyrulnik, 2006, p.13).

Para ele, portanto, o significado que o sujeito dá ao trauma sofrido é o que vai nortear sua vida e suas escolhas futuras, pois, é baseado na aceitação dele, que o indivíduo poderá desenvolver capacidades para o processo de resiliência (Cyrulnik, 2006, p.13). Sendo assim, compreende-se que cada modelo de apego, uma vez desenvolvido, tende a persistência e a repetição, e à medida que a criança cresce e se desenvolve, o estilo de apego se torna cada vez mais próprio da personalidade do indivíduo. Logo, ela busca se relacionar com as demais pessoas da mesma maneira que aprendeu se relacionar com sua figura de apego principal.

> **E4:** "Eu valorizo muito as minhas conquistas, tenho muita responsabilidade com o que eu faço, muito empenho, muita dedicação. Eu acho que justamente por isso, por ter visto neles, eles fazerem a vida deles no momento que eles tinham, com a profissão deles, com o trabalho deles, tudo isso".
>
> **E6:** "Quando eu vou falar com uma pessoa, eu tomo muito cuidado em falar com elas para que não possa machucar elas, assim como eu era machucado quando criança. Por medo de palavras que as pessoas falavam e eu me sentia muito machucado".
>
> **E1:** "E eu acho que eu tenho o pulso firme da minha mãe (pausa, voz embargada) e tenho o jeito amoroso do meu pai".

Nesse sentido, costuma-se afirmar que crianças com *apego seguro* tendem a ser mais cooperativas, populares entre outras crianças, fortes e capazes. São crianças emocionalmente disponíveis e afetuosas com outras crianças e com outros adultos (Bowlby, 1986). Por outro lado, pessoas que desenvolveram um modelo de *apego ansioso/inseguro* são transcritas como estando a todo momento em busca por atenção, frustradas e com dois extremos de

comportamentos, ora passivas e incapazes, ora impulsivas e tensas. Como observado nas entrevistas, pessoas com esse referencial de apego tendem a estar em uma busca constante por validação (Bowlby 1986).

> **E7:** "Eu sempre me coloquei pra baixo. Porque ninguém nunca acreditou em mim. Porque eu sempre fui a comparação ruim. Então, como é que eu vou dar conta? Como é que eu vou receber o elogio? Eu não sei receber elogio. Eu não sei receber abraço. Eu não gosto de abraço. Mas não é que eu não gosto de abraço. Eu não fui ensinada que o abraço era uma coisa boa. E aí [...] é isso. As minhas inseguranças. Os meus medos. E eu vivia ansiando [...] Por um colo[...] de proteção".
>
> **E12:** "Quando eu *tô* num relacionamento [...] eu fico dependente mesmo da pessoa. Mas tipo, não é um traço que veio deles. Tipo, eles não são assim. Foi decorrente das experiências que eu tive na infância, mas [...]".

Já pessoas com *apego ansioso-evitativo* são descritas pela teoria como antissociais e estranhamente pessoas que buscam por atenção. São frequentemente tidas como autossuficientes e performam com muita facilidade a autoritariedade. (Bowlby 1986)

> **E2:** "Na minha casa, quando meu pai perdia uma chave, todo mundo tinha que procurar, agora era procurando e ele esculhambando a gente, ele fazia inventário de culpa. E eu fazia isso na minha casa com as minhas filhas, eu vou dizer a você, eu parei de fazer isso há 6 anos atrás, porque eu trouxe isso comigo, era pra eu ter rejeitado isso, mas eu trouxe [...] Porque é como eu disse a você, faz 6 anos que eu deixei de fazer isso, mas as vezes, de vez em quando, vai saindo, eu me seguro por que eu lembro e isso não me pertence mais. E agora tem muitas coisas que eu lembro do meu passado, que eu tinha me esquecido, mas, agora eu *tô* lembrando e eu estou revendo todas as minhas ações, todas, todas".

No estilo de *apego desorganizado* é comum serem encontrados elementos como "*Eu tive que amadurecer muito cedo*", presente no discurso do entrevistado E6. Abreu (2019) traz que é justamente esse o lugar da criança apegada de forma descontrolada, ela é sempre colocada no lugar de cuidador.

> **E6:** "Porque eu tive que amadurecer muito cedo. Então, eu que tinha que estar à frente das minhas questões. Por exemplo, de reuniões de pais. Que o meu pai não gostava de participar. A minha avó. Aí, quando eu fui crescendo, reuniões de pais, meu pai não ia. Essa questão, por exemplo, em datas comemorativas. De ter uma mãe, os amiguinhos todos com as suas mães. E eu sem estar com a minha".

Em suas respectivas construções teóricas Cyrulnik e Bowlby concordam que um ponto de virada nas relações de apego é o ingresso na adolescência, onde surge o desejo sexual e o sujeito passa a enxergar as pessoas de outra forma. Quando o indivíduo chega à adolescência, seu modelo de apego já está estruturado, ele já possui uma previsibilidade operacional e um ideal de afeto. Todavia, é capaz de refletir sobre suas relações e habilidades sociais. Segundo, Barstad (2013), esse processo permite que o adolescente possa corrigir alguns comportamentos e desenvolver outro modelo de apego a ser experenciado em um relacionamento amoroso e com seus cuidadores primários.

> **E12:** "Acho que eu tinha 16, 15 anos, era por aí. E aí eu fui morar com ela. Em Fortaleza. Só que [...] o namorado que ela *tava*, a pessoa com quem ela se relacionava, ele era alcoólatra e extremamente violento quando bebia. Aí, tipo, eu presenciei muita coisa que uma criança não tem que passar por isso. Tudo bem, não era muito novo não, mas mesmo assim".
>
> **E9:** " Eu acho que a primeira separação mesmo que eu tive dela foi com os meus 18 anos. E um dia, foi quando eu saí da casa dela, porque ela me acordou com uma

chinelada no meu rosto. Então, foi nesse dia que eu saí literalmente de dentro da casa dela".

Não sucumbir ao destino de suas feridas é o caminho para o processo de resiliência e o desenvolvimento pessoal. Para Cyrulnik (2006, p.123) "O traumatizado submete-se a sua história ou dela se liberta utilizando-a. É essa a sua escolha: compulsão a repetição ou a se libertar". Para que isso aconteça, porém, o meio tem um papel fundamental. É complexa a evolução na significância do trauma quando o ambiente no qual o sujeito está inserido o impede de remanejar as memórias e o indivíduo fica preso ao passado (Cyrulnik, 2006, p.123).

De forma a concluir, cabe ainda explicar que, embora muitas pessoas consigam adaptar-se ao meio social por meio de seu trauma, por exemplo, uma criança que tem um apego evitativo e tem grande êxito em esportes solitários e acaba, por conta disso, obtendo muito prestígio em sua escola, esse não é um processo de resiliência. Cyrulnik (2006) destaca que apesar do ganho secundário, e alívio emocional, a resiliência exige um remanejamento emocional na concepção do trauma sofrido. Além do mais, ainda segundo o autor, esse estilo de defesa psíquica é muito perigoso, pois a angústia sofrida tende a retornar ao passo do menor gatilho.

5 Considerações Finais

O objetivo do presente estudo foi investigar como os estilos de apego desenvolvidos na infância podem afetar nas relações emocionais do indivíduo na idade adulta, a partir de entrevistas realizadas com 12 pessoas, com diferentes referenciais de apego. A análise demonstrou que há consequências significativas no que diz respeito aos aspectos relacionais e comportamentais na vida adulta do sujeito a partir do estilo de apego que o mesmo desenvolveu na sua infância.

Os apontamentos e percepções da maioria dos entrevistados trouxeram à luz características de suporte familiar, em acordo com a literatura base. As características identificadas em maior grau no discurso dos entrevistados foi a transgeracionalidade, como

modos de comportamentos que perduram gerações, apontando que a forma com a qual o indivíduo estabelece relações na vida adulta tem raízes no modelo de apego de suas figuras representacionais.

Intercruzando os relatos dos participantes com a literatura exposta, portanto, fica em destaque o lugar que o apego desempenha no desenvolvimento humano, estabelecendo relações entre as vinculações da infância e as relações estabelecidas na fase adulta. A partir dos resultados desta pesquisa, sugere-se estudos futuros ampliando o número de entrevistados selecionados, objetivando ampliar a amostra e ter correlações significativas a partir dos relatos e dos dados demográficos.

Referências Bibliográficas

Abreu, C. (2019). *Teoria do apego: Fundamentos, pesquisas e implicações clínicas*. Artesã.

Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C. Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment*: A psychological study of the strange situation. New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Bee, H. & Boyd, D. (2003). *A criança em desenvolvimento* (10ª ed.). Porto: Porto Editora.

Biaggio, Â. M. B. (2003). *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense.

Bowlby, J. (1977). Aetiology and psychopathology in the light of attachment theory. *Br. J. Psychiatry, 130,* 201-210.

Bowlby, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes

Bowlby, J. (2015). *Formações e rompimentos de laços afetivos*. Martins Fontes.

Cyrulnik, B.(2006). *Falar de amor à beira do abismo*. Martins Fontes.

Diniz, I. A., Assis, M. O. & Souza, M. F. S. (2018). *Crianças institucionalizadas*: um olhar para o desenvolvimento socioafetivo.

Duarte, P. A., Winograd, M., & Klier, N. (2022). Cyrulnik e seu pioneirismo na articulação entre o conceito de resiliência e a teoria psicanalítica. *Quaderns de Psicologia, 24*(1), e1732-e1732.

Editora Porto. Infopédia. Afeto. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/afeto. Acesso em: 12 nov. 2024.

do Espirito Santo, C. S. O., & Araújo, M. A. N. (2016). Vínculo afetivo materno: processo fundamental à saúde mental. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, *5*(1).

Main, M & Solomon, J. (1986). Discovery of an insecure disorganize/disorinted attachmente patterns: procedures, findings and implications for classification os behavior. In M Yogman & T. B Brazelton (eds.), *Afeective Devoelopment in Infancy*. *Norwood*, NJ: Ablex

Papalia, D. E.; Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Portinari, D. B. (2013). *A Teoria do Apego de John Bowlby e os estudos de apego em adultos* (Doctoral dissertation, PUC-Rio).

Apêndices

APÊNDICE 1

Questionário sociodemográfico:

Iniciais do nome:
Gênero:
Raça:
Idade:
Nível de instrução:
Profissão ou curso:
Quem era a figura de apego central:

Entrevista de Apego em Adultos (Adaptada)

Introdução: Irei entrevistá-lo sobre suas experiências na infância, e como essas experiências podem ter afetado sua personalidade quando adulto. Então, eu gostaria de perguntar para você sobre sua primeira relação com sua família, e o que você pensa sobre a maneira que ela te afetou. Focaremos principalmente na sua infância, mas mais tarde passaremos pela sua adolescência e, então, para o que está acontecendo agora. Essa entrevista geralmente demora uma hora, mas pode levar entre quarenta e cinco minutos e uma hora e meia.

1. Você poderia começar me ajudando a me orientar quanto à sua situação familiar na infância, partindo de onde você viveu? Você poderia me dizer onde nasceu, se você mudou muito, em que sua família trabalhava?

2. Gostaria que você tentasse descrever sua relação com seus pais quando era bem pequeno, começando de sua primeira lembrança?

3. Agora, gostaria que você escolhesse cinco adjetivos ou palavras que refletissem sua relação com sua mãe, começando por sua primeira lembrança – o mais novo que você conseguir se imaginar, digamos dos cinco aos doze anos. Então, eu gostaria de te perguntar por que você escolheu esses adjetivos.

4. Agora, eu quero te perguntar cinco adjetivos ou palavras que refletem sua relação de infância com seu pai, começando de sua primeira lembrança, digamos novamente dos cinco aos doze anos. Agora eu queria saber por que você escolheu esses adjetivos.

5. Quando você ficava chateado quando criança, o que você fazia?

6. Você se lembra da primeira vez que se separou de seus pais? Como você respondeu? Tem alguma separação que é mais viva na sua mente?

7. Você alguma vez se sentiu rejeitado quando criança?

8. Seus pais eram ameaçadores para você alguma maneira – talvez por disciplina, ou até mesmo de brincadeira?

9. De maneira geral, como você acha que suas experiências com seus pais, de uma maneira geral, afetaram sua personalidade adulta?

9. Por que você acha que seus pais se comportaram da maneira que eles faziam na sua infância?

11. Além das que você descreveu, você teve qualquer outra experiência que você diria que foi traumática?

12. Quais traços da sua personalidade atual que você encara como reflexo das suas vivências na infância?

Anexos

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado,

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: **"A INÂNCIA É UM CHÃO QUE PISAMOS A VIDA INTEIRA" -UM OLHAR SOBRE OS VÍNCULOS DE APEGO E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL**, sob a responsabilidade de: **STHEPHANY HORTÊNCIA DE ALMEIDA GOUVEIA** e do orientador **JULIANA FONSÊCA DE ALMEIDA GAMA,** de forma totalmente voluntária. Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem. A pesquisa visa investigar como os estilos de apego desenvolvidos na infância podem afetar nas relações emocionais do indivíduo na idade adulta. O apego responde ao estilo de ligação que o sujeito tem com uma determinada pessoa, que é solicitada pela criança quando ela se percebe em uma situação de sofrimento, assim, posteriormente na idade adulta, esses referenciais de apego repercutem nas demais relações psicossociais. Esse estudo tem como objetivo geral investigar como os estilos de apego desenvolvidos na primeira infância podem afetar nas relações interpessoais do indivíduo na idade adulta. A pesquisa se baseará nas teorias e trabalhos dos principais estudiosos deste tema, dentre os quais, John Bowlby, criador da Teoria do Apego, e Boris Cyrulnik, analista que articulou a Teoria do Apego e o conceito de resiliência. A pesquisa será realizada uma entrevista estruturada extraída, como inspiração, da dissertação de Mariana Barstad (2013), a "Entrevista de Apego em Adultos". A entrevista, na presente pesquisa, passou por uma seleção de questões, com fins de compactação. O roteiro é composto de perguntas acerca das relações de apego na infância e adolescência, tendo como foco os seguintes eixos: relações com figuras significantes, relações familiares, experiências de separações e luto. Além disso, há questões relacionadas a dados sociodemográficos como idade, gênero e estado civil. A entrevista será dividida em duas fases: a primeira abordará dados socioeconômicos e a segunda, as experiências relacionais de apego dos participantes. Após a finalização, serão

feitos os devidos agradecimentos. Os dados coletados serão armazenados em um dispositivo informático sem acesso à nuvem, garantindo a proteção e sigilo das informações. Os dados serão destruídos após cinco anos, visando a proteção das informações sigilosas. Os dados serão analisados sob o método de categorização de conteúdo proposto por Bardin (2008), partindo da transcrição das entrevistas, seguida da realização da leitura flutuante para uma maior familiaridade com os documentos. Na etapa seguinte, será realizado o agrupamento de subcategorias similares, definidas as categorias de análise e identificados os eixos característicos nos discursos dos participantes, com os tipos de apego e seu impacto no desenvolvimento psicossocial do participante. Essa pesquisa será realizada apenas com sua autorização realizaremos a coleta dos dados. Além disso, a referida pesquisa será realizada levando em consideração os aspectos éticos que envolvem as pesquisas com seres humanos, de acordo com Resolução nº 510/2016, expedida pelo Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). Tal instrumento normativo assegura os direitos e deveres que dizem respeito à ética na pesquisa com seres humanos. Ademais, na presente pesquisa, os sujeitos estarão resguardados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que enfatiza a liberdade de escolha e de desistência sem qualquer prejuízo, além do sigilo nas informações e do anonimato aos sujeitos envolvidos. A realização do presente trabalho trará riscos de natureza insignificante, porém possíveis, para os participantes, partindo do princípio de que, embora venham a se limitar apenas a responder a uma entrevista, o que farão por livre vontade, tocarão em aspectos pessoais que podem ter natureza difícil. Vale salientar que os procedimentos adotados para a presente pesquisa serão aplicados com o intuito de amenizar todo e qualquer tipo de riscos por ventura suscitados pela participação na pesquisa. Diante dos riscos, a pesquisadora se compromete a oferecer o suporte necessário, financeiro e psicoterápico com fins de estabilização. Os benefícios da presente pesquisa estão na ampliação do conhecimento e da literatura sobre o tema, respaldando academicamente interpretações referentes às interfaces do apego conforme a Resolução CNS 466/12/ CNS/MS, do Comitê de Ética de Psicologia. O voluntário poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo. O participante terá assistência e acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa de acordo com Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto e será garantida a privacidade dos participantes antes, durante e após a finalização do estudo. Será garantido que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre

e Esclarecido. Os participantes que aceitarem participar da pesquisa mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Autorização para Gravação de Voz (TAGV). Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, além de garantia de ressarcimento com o compromisso de indenização seguindo as normas da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), garantindo a proteção dos direitos dos participantes. Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas. (Res. 466/2012, IV. 3. g. e. h.) Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com Sthephany Hortência de Almeida Gouveia através dos telefones (83) 9 8726-9096 ou através dos e-mails: sthephanyhortencia345@gmail.com ou do endereço: Rua Antônio José Santiago- 215, Dinamérica. Ou ainda, entrando em contato com Juliana Gama: (83) 99107-9593. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, Telefone (83) 9 8717- 0002, e-mail: sepsi@fipcg.fiponline.edu.br e da CONEP (quando houver dúvidas em relação a pesquisas com seres humanos e caso necessário denúncias de abusos e/ou notificar fatos ad versos que possam alterar o curso da pesquisa.

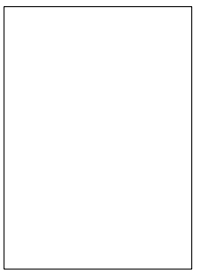
CONSENTIMENTO

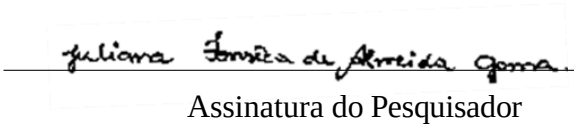
Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa "**A INÂNCIA É UM CHÃO QUE PISAMOS A VIDA INTEIRA" -UM OLHAR SOBRE OS VÍNCULOS DE APEGO E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL** e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu_____autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Campina Grande, _____de _____de _____.

_____

Assinatura do Participante





Assinatura do Pesquisador

OBS[1].: O TCLE será elaborado em duas vias; rubricadas em todas as suas páginas. As assinaturas devem ficar na mesma folha.

OBS[2].: Quando da submissão do Protocolo de Pesquisa, o Termo não deverá der assinatura do Pesquisador.

ANEXO 2

Termo de Autorização para gravação de voz (entrevista) conforme as resoluções vigentes 466/12; 510/16 e a norma operacional nº 001/13.

Eu_____autorizo, por meio deste termo, os pesquisadores a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte. Essa **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição da minha gravação;

2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;

3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;

4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob responsabilidade da pesquisadora coordenadora da pesquisa, e após esse período serão destruídos.

6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande – PB_____de_____de_____.

Assinatura do participante

Juliana Fonseca de Almeida Gama

Assinatura do Pesquisador

ANEXO 3

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA

Titulo da Pesquisa: "A INFÂNCIA É UM CHÃO QUE PISAMOS A VIDA INTEIRA"- UM OLHAR SOBRE OS VÍNCULOS DE APEGO E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL.

Eu, **JULIANA FONSÊCA DE ALMEIDA GAMA**, professora da UNIFIP-Campina Grande portador(a) do RG: 3257213 declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo- me em acompanhar seu desenvolvimento no sentido de que se possam cumprir integralmente as diretrizes da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande, 04 de dezembro de 2024

Juliana Fonsêca de Almeida Gama

Pesquisador Responsável
Orientador

Documento assinado digitalmente
gov.br
STHEPHANY HORTENCIA DE ALMEIDA GOUVEIA
Data: 05/12/2024 12:47:00-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Orientando

ANEXO 4

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL EM CUMPRIR OS TERMOS DA RESOLUÇÃO 466/12 DO CNS/MS (TCPR)

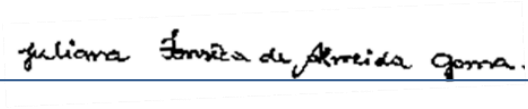
Titulo da Pesquisa: "A INÂNCIA É UM CHÃO QUE PISAMOS A VIDA INTEIRA" - UM OLHAR SOBRE OS VÍNCULOS DE APEGO E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Eu, Juliana Fonsêca de Almeida Gama, Professor(a) do Curso de Psicologia da Universidade UNIFIP- Campina Grande, portador(a) do RG: 3257213 e CPF:06754928409 comprometo-me em cumprir integralmente as diretrizes da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

Campina Grande, 04 de dezembro de 2024



Assinatura do(a) Pesquisador responsável
Orientador(a)